

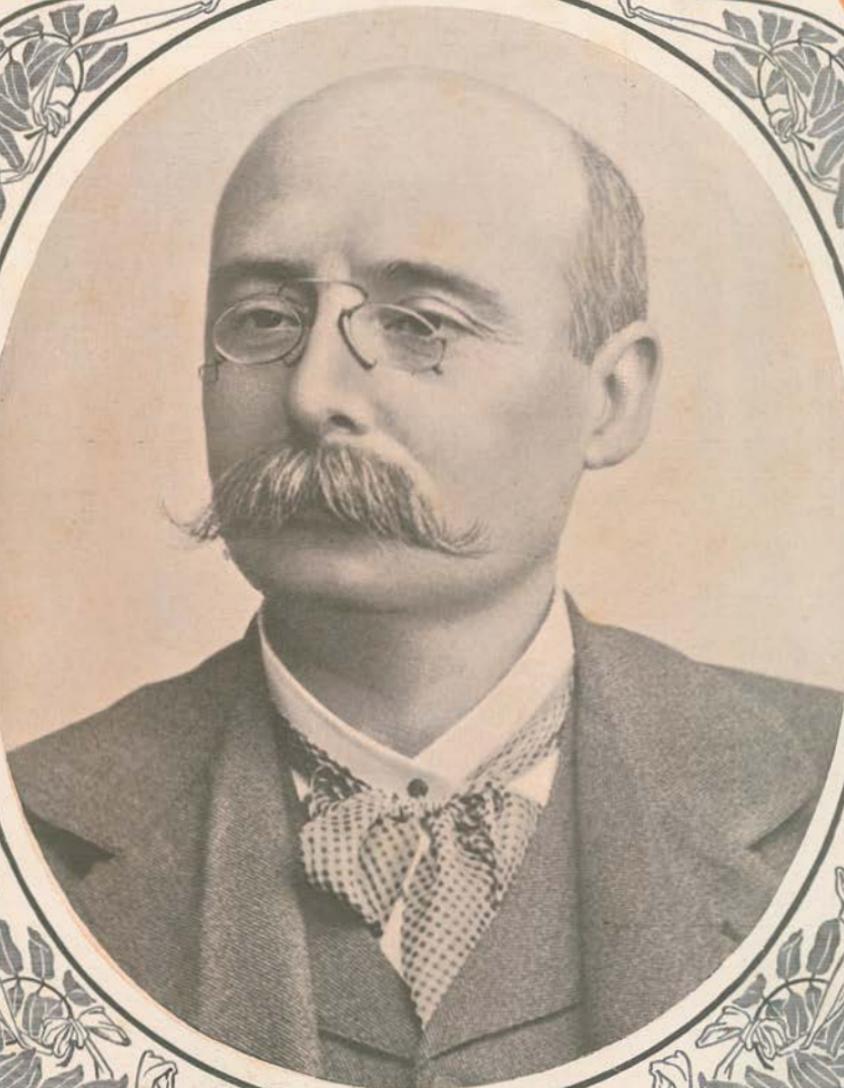
Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTÍSTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. da SILVA GONÇA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão

Rua Formosa, 43-415807



DR. CONSIGLIERI PEDROSO

| | | |
|--|------------------------|------------|
| Assignatura da «Illustração Portuguesa» para Portugal, colonias e Hespanha: | Por anno..... | 48800 réis |
| | • semestre..... | 24400 |
| | • trimestre..... | 16200 |
| Assignatura conjuncta do «Seculo», «Supplemento Humoristico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa» Portugal, colonias e Hespanha | Por anno..... | 88000 réis |
| | • semestre..... | 44000 |
| | • trimestre..... | 28000 |
| | • mez (em Lisboa)..... | 700 |

CASATEIRO
 ARMADORES ESTOFADORES
 PRAÇA LUÍZ DE CÂNDIOS 38 - LISBOA
 (TELEPH. 13 46)
 ENDEÇO TELEGRAPHICA (ASTALI)

AUGMENTA DE VOSSA ESTATURA

Ja não existe desculpa alguma para qualquer homem ou mulher parecerem ou permanecerem baixos de estatura. Pelo systema da Cartilagem podeis augmentar a vossa estatura d'uma maneira natural, de 2 a 5 polegadas, ou seja 5 a 12 1/2 c/m, sem perigo algum, rapidamente, permanentemente, e com toda a segurança, em vossa propria casa. Não se necessitam drogas ou tratamentos medicinas de qualidade alguma, nem electricidade, operações, trabalho arduo, ou qualquer outra coisa desagradavel, nem perda de tempo, e quasi sem despeza alguma. E ao passo que está augmentando a vossa estatura vos ira dando melhor saude, mais energia, mais força nervosa, e ao mesmo tempo vos alargará os hombros e aperfeiçoará toda a vossa apparencia.

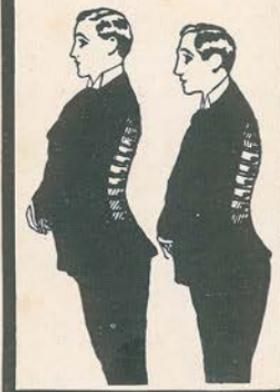
Eis a Prova! pedi ao vosso medico que examine com os raios de rontgen o corpo de qualquer dos vossos amigos. Pedi-lhe que vos indique as 22 vertebrae das secções da espinha dorsal e tomae nota dos 23 costins de cartilagem que se acham entre ellas. Haveres de achar que ha umas 19 polegadas de esta cartilagem entre a cabeça e os pes, e o medio vos dirá que é elastico e fibroso como os muscullos.

Fuis bem, com o systema da cartilagem, esta cartilagem pode se augmentar fazeudo se exercicio, da mesma forma, que os muscullos se podem desenvolver com o exercicio, com a differença unica de que pelo systema de cartilagem o exercicio da cartilagem se faz automaticamente, sem ser preciso trabalho arduo e com a mesma facilidade como balancas n'uma cadeira de balanço. Poderéis augmentar os vossos muscullos uns 75 0/0. Somente será preciso aumentar a espessura da cartilagem uns 15 0/0 para poderdes augmentar a vossa altura 2-5/8 polegadas ou seja 1 1/2 c/m, uma cousa que é bastante frequente. Não vos seria grato poder obter esse augmento das duas e 5/8 polegadas, ou ainda mais, ou mesmo a metade? Vos permitiria poder ver perfeitamente no meio de muita gente, ou na igreja, ou no theatro, e passar sem acanhamento ao lado d'uma pessoa mais alta e de dançar melhor, e em fim vos daria todas as vantagens que offerece uma estatura regular.

Ainda mais Prova! - Gratuitas. No intuito de que toda a gente curta publicado um livro que dá a prova scientifica de como isto se pode fazer e toda a informacão sobre o modo em que podeis augmentar a vossa estatura de 2 a 5 polegadas, ou seja 5 a 12 1/2 c/m por este methodo tão simples, seguro e facil. Este livro juntamente com as recommendações dos medicos e dos cirurgieiros, dos directores dos gymnasios e escolas militares, escolas e collegios, sera enviado franco a domicilio a todos aquelles que são curtos d'estatura e que n'o pedirem. Escrevei hoje. Se sois curto de mais é o vosso dever pediros por este livro gratuito. Elle explica tudo, é somente preciso dirigir uma carta. O porte das cartas para Paris e de 30 reis, os bilhetes postaes sao de 20 reis.

THE CARTILAGE COMPANY,
 Dep^o 1216 7, avenue de l'Opéra, Paris.

P. D.— A razão pela qual este methodo tão simples não se tem publicado por outros é porque o Systema da Cartilagem está protegido por patentes nos paizes mais importantes do mundo.



NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
 29, B^o DES ITALIENS, PARIS

EM 20 DIAS CURA RADICAL & INFALLIBLE
ANEMIA CÔRES PALLIDAS
CHLOROSE, CONVALESCENÇA
 PELO
Elixir de S. Vicente de Paula

Em todas as Pharmacias ou no Deposito GENL.
 CUREL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1^o LISBOA
 1500 reis o frasco franco porte em todo Portugal
 PELOILLE, Hara, 2, Faub^o St-Denis, PARIS

PRISÃO DE VENTRE
 O unico remedio prescripto por todos os medicos
 para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias*
 ó a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).
 Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM o DINHEIRO
 a quem não tiver tirado resultado
 na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
 empregando o
XAROPÉ FAMEL
 PARIS
 86, Rue de la Harpe
 PREÇO: 1 800 reis
 Franco de porte em todo o Portugal por 1 franco.
 Deposito GERAL: 19, Rua do Arco a Jesus LISBOA

Agencia de Viagens  RUA BELLA DA RAINHA, 8 LISBOA
ERNST GEORGE Successores
 Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminho de ferro para todas as partes do mundo sem au mento nos pre. os. Viagens circula- torias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Alemanha, Austria, etc., etc. Viagens ao Ezyo e no Nilo. Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Norte. Cheques de viagem, substituido vantajosamente as cartas de credito. C. se justes para hois.
Viagens baratissimas á TERRA SANTA

LOÇÃO DEQUEANT
 CABELLO BARBA PESTANAS SOBANCELHAS
 Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da cálvie e todas as afecções do couro cabeludo.
 L. DEQUEANT Pharmacien, 38, Rue Clichoncourt, Paris
 Em LISBOA, 15, Rua dos Sapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informacões gratuitas.
 A Venda se torva a BOAS CASAS do PORTUGAL.

PARFUM POMPEIA L.T. PIVER PARIS



ARTISTAS PORTUGUESES EM PARIS

(Continuado do numero anterior)

No seu atelier os quadros atropellam-se; são interiores suavissimos, é o retrato do pintor elle proprio, energico e flagrante, cheio do museu do Prado, é a sua *Ala dos namorados*, indiscretamente surprehendida e que recorda Simon pela opulencia do colorido. São esboços, desenhos, toda uma messe que medra sob o mesmo espirito de harmonias e elegancia singelas.

Um retrato de mulher que traz entre mãos, robe violeta, é d'uma ternura, d'uma simplicidade que lembra os florentinos, Puvís ou Boticelli.

— Boticelli?! — diz-nos Sousa Lopes. — Eu se quizesse ou pudesse perder a minha individualidade e tomar outra, quereria ser Boticelli!

Sousa Lopes é um artista bem moderno, inquieto de tudo, da moldura dos quadros, da composição das tintas, da luz, da belleza que passa sob seus olhos. O seu sentimento hypnotizou já uma grande belleza, ha de sabel-a entregar ao mundo, palpitante, enamoradora e enamorada.

Boulevard de Clichy, cinco andares, aberto no telhado o atelier onde o artista e um amavel senhor brasileiro cavaqueavam. O fogo brilha sob a luz pallida das quatro horas e cabeças, muitas cabeças, pelas paredes, fitamnos gravemente.



— Sr. Rodrigo Soares, sou importante?

— Oh! não, palestravamos, e eu trabalho pouco, — responde-nos n'um sorriso.

O retrato de D. Manuel de Bragança estava no cavalete, protocolar, bizarro.

— E' uma encomenda para o Brazil; é o terceiro. Os meus amigos de lá mandam-me n'um envelope 1:500 francos e eu mando-lhes retratos reais, assim, a seu gosto.

Visitámos em roda os seus quadros, um mundo sadio de camponezes, velhinhas que dsañam a lima do tempo, pequenas que furtaram o rubor singelo das maçãs camoezas, cavadores d'uma heroidade inconsciente, mas

esmagadora. Todos elles vendem segurança dentro d'um desenho impeccavel, que mal precisa das côres. Alguns são ar livres, cuidados, cheios d'amor, com um gracioso fundo e uma coloração forte.

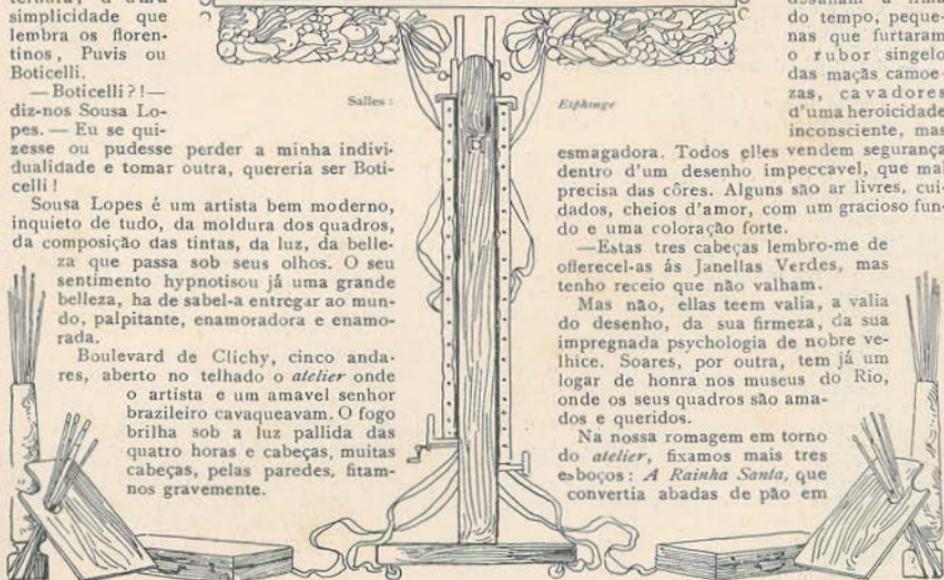
— Estas tres cabeças lembro-me de offerecel-as ás Janellas Verdes, mas tenho receio que não valham.

Mas não, ellas teem valia, a valia do desenho, da sua firmeza, da sua impregnada psychologia de nobre velhice. Soares, por outra, tem já um lugar de honra nos museus do Rio, onde os seus quadros são amados e queridos.

Na nossa romagem em torno do atelier, fixamos mais tres esboços: *A Rainha Santa*, que convertia abadas de pão em

Salles :

Ephinge





cha uma mazurka no Tabarin.

Na sua brócha ha a riqueza virgem dos temperamentos predestinados. Elle fugiu de Lisboa, do livro de contos de seu pae, apaixonado da arte, como um doido paladino dos tempos da Madre-silva. Em rapaz era alguma coisa o Brown aproveitando cada frangalho de papel, cal fresca, cada porta para se rir do mundo com tições da fogueira. Falta agora que o homem pinte como bem pintadas estão as

flôres e flôres em pão, um ar-raial vivo de tintas, *João de Deus, recitando os versos*, cheio de viço de uma ramada e de doçura, e *Magalhães Lima*, um adoravel palmo e meio de plasticisação.

Conversamos dos impressionistas, de Renoir de que Soares não gosta, de Monet que poude atrair as suas phantasias da luz, porque o capital de seu pae lhe sobrava. E quando nos despedimos, seguidos do olhar firme dos seus aldeões e lhe perguntamos porque não multiplica o seu mundo, elle diz-nos:

—Que quer, sou *ventier!*!

Rue Blanche, lá nas nuvens, a terna Pépé poisa em Eva. estendida n'um sofá. Com longo pincel, Alberto Silva cantalhe as espaduas, põe-lhe os desejos d'uma bocca sensual no colo.

—Oh! Pépé, deixa-te estar; é cá um dos nossos!

O modelo fica e nós ficamos a seguir o pincel de Silva, que esquiça livremente, com uma luxuria espontanea de temperamento.

No muro fundeiro pochades alinham, amontôam-se: festins neronianos de membros nus, pernas de mulheres fecundas, focinhos perversos de Paris, braços de aprisionar os homens e os astros. O amoroso da mulher, o sensualista descobrem-se ao primeiro lance d'olhos.

Alberto Silva ouviu uma vez esta prophesia de Lefebre: — Você com *essa mão* ha de fazer muito, mas estude, apaixone-se da technica moderna, martyrise-se.

Silva estudou e martyrisou-se e estuda e martyrisa-se ainda. Esquiços ninguem os faz como elle com o seu repente e a sua intenção. Mas quando a obra toca o seu fim a nevrose apparece e o mesmo pincel creador destroe incontinentivamente. Esta insatisfação desnuda uma alma anciosa e uma certeza de futuro. Silva busca uma fórmula dentro do seu temperamento amoroso, o seu pincel malleavel e a sua indole ligeira de pensamentos.

Van Dyck é o santo a quem elle reza, quando a guitarra não lhe suspira nas mãos ou não pin-

Tabagies e os Bebedores.

Para distrahir a terna Pépé, que não tem ao lado uma orchestra como a Gioconda, eu vou desfiando larachas da minha algibeira. O que ella ri do esquecimento do bom Veronezo, que pintou um rôr de banquetes onde não ha um dos seus mil convivas que masque, tenha a garfada no ar ou escorripiche uma taça!

Os seus dentes brancos levam-me os olhos da tela, onde Alberto Silva traça uma *Eva* sobre as *Vagas* que desaparecem, acima de Phyné que já se não vê.

Silva precisa d'um escudeiro como Cresbck, que servia o vinho e os pinceis,



Jardim: Dois trechos de Veneza

paralhearrancar os quadros, quando estejam promptos e a insatisfação os não destrua.

O *Salon du Printemps*, de 1908, visitei-o acompanhado de uma dama das minhas relações. Era ella uma d'estas mulheres em desequilibrio com o mundo, que não gosam da estima dos paes de familia, nem das graças da moral, porque muito livres e muito illustradas são por consciencia o que outras são por perversão.

Embevecido eu ouvia a adaga fina dos seus alvos dentes talhar a critica subtil de diferentes obras. Ella amava sobretudo o sentimento e as liberdades atrevidas. Dentro d'ellas revia-se, aspirava-as, dizendo-me alegre, de dedo alçado, sem impudor:

—*Me voilà!*

Nas salas de estatuaria deslisavamos depressa, parando raras vezes. Luiz XV parece que havia resurgido para pôr seus mil canteiros a desbastaar pedra.

Seduzidos, porém, d'uma estatua, os olhos

da dama chamavam os meus. Era um nú de mulher, tamanho natural, vista de costas, menção honrosa, *Après le peché*.

N'um suave mysterio, quem sabe se vergonhosos do sol, se servendo o fumo espiral da voluptuosidade, a face, o cheiro, o pudor, os labios esmagavam-se contra a penha fria. No dorso amplo, na coxa farta retiniam ainda beijos, o tropel das cabras de Eugadi do Canticum que passaram esmoitando, beijando, comendo. Em baixo um pé realçava, pé robusto de Virgem da



Conceição que houvesse pisado a serpente dos mysterios voluptuosos.

Como asformosas pyramides gregas abatidas pelos monges, assim ella afogára a fronte, tocada pelo sentimento. Forte e fecunda, os dedos do estatuario tinham-

na cingido ao mesmo tempo d'aquella delicadeza e esmero com que os amantes cercam pela primeira vez a sua amante.

O transe da primeira hora da carne beijada cantava n'ella cheio de indecisões e melancolias.

Rente á estatua os labios finos da franceza disseram-me:

— Bem sentido que isto está!... Toda a mulher que não seja uma vestal tem aqui uma pagina flagrante da sua vida. Olhe, eu estava agora a lembrar-me dos dezeseite annos, quando o meu noivo me tirou de casa de meus paes. Chorei, chorei, sem saber porque, não do passado, onde havia muito frio, talvez vibrando das infinitas vibrações que no meu novo mundo ia topar. Esta enigmatica prostração da

estatua é d'uma justeza incontestavel. Sabem-no as esposas, as amantes.

O dorso da estatua enlanguescia divinamente. Soavam sobre ella os desejos em bando, á espera que a outra metade—que na mulher Deus só ergueu do solo para a vér do céo, para a vér da cama—se apreme, tenha labios e braços de encarcerar.

Um peito, mesmo, bradava: amor, eu triumpharei!

A minha sabia amiga relia a perfumada chronica dos seus dezeseite annos; eu só então re-



1—Alberto Silva: *Carne Amorosa*.
2—Salles: *Bachante*.

parei no nome do escultor: Salles.

Salles, nome de portuguez, selo-hia?

— Nado e creado em Lisboa — dizem-me e accrescentam:

— E' um silencioso trabalhador, rico como Mendelssohn, tão apaixonado d'arte como Mendelssohn.

— E' um discipulo de Rodin!

— E' o mais moderno dos escultores portuguezes!

Na *Villa des arts* eu encontrei o artista em *cuja indole amorosa e de força o sentimento se enroscava como a pera, hombros largos, tez de moiro, atarracado, portuguez de lei.*

No meio do *atelier* a *Dansarina* erguia-se alta, cheia de movimento, mais do ar que da terra. O escultor aperfeiçoava ainda o barro e já os calcanhares voavam mais velozes que os da Isadora Duneau, e as suas tibias esbeltas, os seus braços longos, os seus avês aprisionavam o ritmo que os Pharaós fizeram viver na noite immensa dos sarcophagos.

E' com a *Dansarina*, surpreendida no requebro mais ligeiro e instavel d'onda, que Salles se fará representar no Salon de 1909. Não é chifarote, mas tambem não é dança classica, nem a ronda maviosa e grega de Carpeaux. E' uma nota fogosa dos tablados, apanhada, quem sabe, se no bloco de DeGas, se na carteira realista d'um puro Flaubert.

Encostadas á parede, estatuas que dormiam, estatuas que saltavam, tinham os olhos sobre nós.

Era uma *Bachante*



que, depois de parir dez vezes, se cansou da sua carne. Os braços, indolentes, haviam deixado quebrar o fio dos prazeres. O ventre parecia uma folha de papel amarrutada, cheia de nodos de vinho, onde Verlaine houvesse escripto excommunga-

dos versos.

N'esta estatueta, deliciosa de plastica e soberba de realidade, imprimiu Salles a sua alma profundamente pagã, sincera, original. A bachante classica quem a não conhece, normal como qualquer burgueza, tendo a mais sobre o peito uma pelle de cabrito e na mão uma taça d'uvas? Ponham-na n'um altar e será uma castissima Senhora das Candeias ou do Monte. Esta creatura, sim, é a loba que em Roma andava com os gladiadores e apparece nas ruas escusas de Montmartre a propôr *d'aller chez elle* em voz avinnada.

Era a *Esphinge* sahida da cavalhada egypcia do Quat-z-arts e a *Serenidade*, suave, leve, alguma coisa o versiculo das inquietações: *Raparigas de Jerusalem*, por quem sois, não perturbeis o repouso da minha amada! Os seus olhos olham no infinito, onde o ar é cheio do arco-iris, os odios tamizados, as alegrias doces como o vinho novo.

A outra banda a *Mulher adormecida* falava em Rodin, braços, cabeça e seios n'uma composição. Pelas prateleiras, figurinhas, muitas, catavam a pulga, faziam piruetas, animadas d'um fogo, d'uma vivacidade que só Dalou possuía para encher mil precepitos. Um esquisso de arriscada concepção emerge d'entre ellas — a *Mul-*



1—Salles: *Femme adormecida*

2—Salles: *Estudo para uma estatueta decorativa de uma escada*

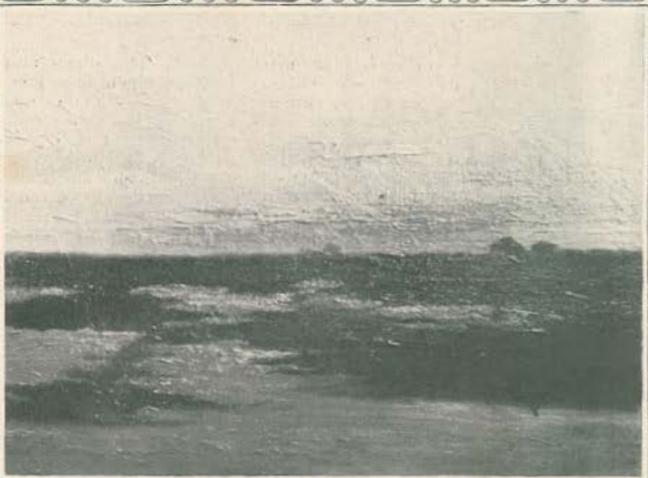
tidão. Ella corre, grita, cachôa, é verdade que confusa e rudemente. Mas, thema inedito em escultura, ella vinca o caracter d'um artista e a sua sêde do grande, o inacessivel quasi.

Sob um véo vamos descobrir uma maravilha de novidade e encanto: duas figuras decorativas d'escada. São duas mulheres que olham para baixo, vibrates e esbeltas e tanto teem o ar de se despedir como de acolher.

Ellas representam a divisa hospitaleira *veni te adoramus*, mas em que corpo, para beijar, para sonhar! Em artes decorativas é a primeira producção portugueza que conhecemos, logo tão finamente executada que se pensa em Carrière-Beleuze, ou Cain.

Nas outras suas obras o que destaca é a gordura, a sensualidade: — ancas e peitos para repovoar um continente.

O artista sadio e forte, grave sem misanthropia, fala-nos dos outros que não d'elle:



— Oh! Rodin é o maior artista de hoje, mas no grandioso, o brutal, as ancas d'uma *Auvergnate*. O mimo florentino da mulher civilisada não o comprehende elle!

Imperturbavelmente vae Salles atirando a sua alma ao barro, que depois de sair das suas mãos parece ter ouvido a lyra d'Orpheu. Silencioso elle trabalha, certo de que o silencio é uma teia de aranha que um sopro desfaz.

Elle é artista; fóra da lueta economica elle poderá realizar todos os atrevimentos da sua inspiração, todos os impulsos da sua sinceridade. E elle ha de triumphar rindo-se dos escrupulos do sr. Durand e dos dinheiros do sr. Beu-metz.

Jean Paul Laurens, o vigoroso pintor historico cuja cabeça teve no gorilla do Jardim das Plantas a sua copia exacta, presume conhecer os portuguezes pelo desenho.

Aos esquisissos d'elles, duros, classicos, berrava furiosamente:

— *Sapristi, il faut se cramponer là dedans!*

Manuel Jardim tendo atravessado incolume dois annos, em Lisboa, de bellas artes, veiu na Academia Julia aprender com Jean Paul a se *cramponer là dedans*. Os seus esquisissos foram premiados, affixou-os a escola, honrosamente, nas suas *cimaises*.

Mas com a rebeldia que lhe vem dos nervos, da aza de corvo da cabelleira, Jardim não se podia submeter a processos de academia, á mesma arte de Jean Paul, soberba de traço, velha de fóma e idéa. E eil-o mettendo-se em rota com os impressionistas, apaixonado do ar livre.

No seu atelier da rua Tourlaque, de cumieira de vidro como um grande esqualo de tripas ao sol, elle era inexpugnável para todo o mundo atraz dos seus quadros, da sua paciente paleta. Nas paredes, *pochades* de Paris e das cercanias mostravam-se alegres, d'uma coragem que só teem os indisciplinados ou os mestres. Ao mesmo tempo elle



1—Albredo Silva: *Poente da Franca*
2—Alberto Silva: *Le père Nicol*

atormentava-se com o retrato a querer imprimir-lhe uma expressão em que a alma não matasse a natureza e a natureza se julgasse imperfeita sem a alma.

Tendo, parece, os mesmos nervos do malogrado Santo do Porto, á febre de se destruir allia a pertinacia de se renovar, sondando, proseguindo sempre como ambicioso argonauta em aventureira galera á cata d'um ideal. E a sua esperança é tão grande que ou o ha de conduzir á victoria ou o ha de matar.

Elle vibra, é açoutado da belleza esparsa no mundo das tintas sonoras, da nuvem que singra no céu, o ourelo das selvas, o pé tanagro da mulher que passa tilintando diabolica musica de luxurias. Objectivamente estuda as realidades modernas, sem subir ao trapézio da phantasia, nem pôr azas nos hombros para ir roubar symbolos entre a manada das estrellas ou a gavota pagã dos deuses pagãos. Elle ama a boa natureza com tanto affecto como Courbet, requintando-se apenas a sorver-lhe os favos, o sol, as uvas, os beijos das mulheres.

— A forma, uma forma nova, é o que eu quero! Corro ha muito tempo em busca d'ella como atraz d'uma amante; conquistá-la-hei? Mas, sabe, eu quero-a muito perfeita, muito exclusiva, ou nada. Uma forma como Manet encontrou quando sonhava com Velasquez e com Ticiano!

Jardim partiu para a Italia, por lá se demorou mezes nas costas do Adriatico, bebendo inspirações, apurando o pincel. Em Veneza elle amou o astro, a praia, as gondolas, as venezianas.

Na gare de Lyon, quando o lobrigámos

alto, d'uma altura magra de jockey, inquirimos pressurosamente:

— Então trabalhou muito?

— Quasi nada. Estudei, sim, li as ternuras de André del Sarto pelos palacios, Tiepole, Ticiano, Boticelli pelos muros das egrejas. Fui sobretudo um contemplativo.

Mas uma grossa caixa, alargada de numeros, coberta de etiquetas, chamou a nossa vista.

Apontamos-lh'a:

— ?

— Pochades, coisas que fiz por lá!

No hotel a grande caixa abriu-se para me mostrar a sua maneira de comprehender Veneza.

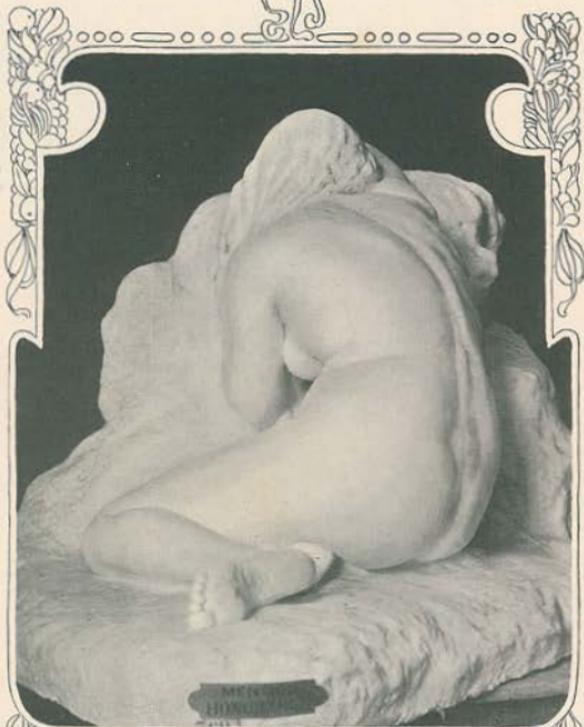
— Oh! coisas dos livros, meu velho! Veneza tem a originalidade da laguna, da poesia antiga dos seus palacios. Quanto á sombra fatua das dogarezas, ás gondolas romanticas, aos espectros d'amor, tudo é do cartaz das Tartarias (?) e das Osterias.

Resmas de telas mostraram-nos Veneza, o Adriatico, commentados, descriptos, n'um estylo singular, com um vigor e um luxo soberbo de tintas. Em todas ellas se denotava o seu character realista, racional, amoroso do céu, do ar livre, das aguas, da natureza que tem mais vestidos que m-

demoiselle Sorelle. E todas ellas inconfundiveis, mesmo que enganadas, dizendo alto a sua paternidade.

Dos pintores portuguezes Jardim é dos mais avançados, dos que mais depressa se apossou d'uma caracteristica.

Julio de Vilhena, seu tio, quando elle era pequeno e irreverentemente rabiscava pelas portas, na pasta do ministro, costumava dizer:



Salles: *Après le peché* (Men

ção honrosa no Salon de 1908)

— Que estás a fazer, ó Rubensito?

Com a sua alma, com a sua vontade, Jardim será o Rubens português, se não no banquete da carne, no banquete universal da natureza, dos beijos do sol, das blandícias do vento, e das alegrias dos bosques. E pintor phantasia elle não se esquecerá da flóra de Portugal, nem dos castanheiros da Beira que deram castanhas aos netos de Noé.

Com a monotonia das dimensões, as portas que teem todas o mesmo vão, os beijos que estão á mesma altura, os homens que regulam por covado e meio, encontra-se um sabôr original e exquisito nas façanhas de Gulliver, em observar o mundo por um oculo ás vessas.

Pasma se ante o presepio onde os pastores da Galilea tocam gaita de folles, e as raparigas vão á fonte, ás portas de Nazareth, com barris gallegos na cabeça. E a nossa alma aclara-se como o sorriso do menino Jesus, que uma vaca, em laia de parteira, bafeja do seu halito quente.

Voltaire, Zola tiveram a maravilhosa graça de engenhar gigantes que levantavam navios em uma unha, andões que dormiam empoleirados no ouvido dos gigantes como andorinhas em bocca de cisternas. E mais amplos ou mais condensados o gôso, o erro, a virtude, viam-se então como se não vêem nos mortaes de covado e meio d'altura.

Ha dias no atelier do escultor Teixeira fômos encontrar o povo pequenino que se descobre com uma luneta invertida e Dalou fa-

zia aos empurrões do dedo maioral. De todos os lados figurinhas riam, falavam, imprecavam, cheias de movimentos e de harmonia. Os habitantes de qualquer estrellasita sertaneja devem ser assim d'aquelle tamanho, caricatos, amantes, soffredores como todos os entes.

Todas ellas traduziam um pensamento, expansivo, forte, para viver no infinito. E ellas diziam-no expressivamente, com muita realidade, sem margem a phantasias.

— Arte pela arte não a queria eu fazer— diz-nos o escultor.— Eu queria dar-lhe um fim, muito nido, muito real e que as minhas figurinhas philosophassem, referissem as angustias, enternecessem. Caminhando com olhos de luz para um mundo de justiça é que eu estimaria vê-las! mas é lá possível...

E elle mostra-nos a impossibilidade no antagônismo d'esta arte e do homem endinheirado que compra.

— E desisto, meu amigo, porque a minha vida representa outras vidas.

De cima d'uma prateleira uma das estatuetas diz isto mesmo com o braço estendido e passando

do a parede mestra do atelier até os puros espaços.

A outro lado é uma scena da vida de Paris, a *grisette* que no seu caminho topou um olhar meigo de rapaz, sorriu, e lá vão ambos, boulevard fóra, um contra o outro, elle a convence-la, ella a deixar-se convencer, á porta dos beijos. Ha mil figuras n'este palmo e meio



Salles :

Serenité



de barro, uma observação subtil no chapéu, na saia da pequena, na linha do tunante.

Os *Bravos do Mindello* são um grupo encantador de invalidos, que contam as proezas da guerra, as espadadeiras, o fiasco das armas de pederneira. Sentados, elles gesticulam com o braço maneta, a perna de pau, bruscos e bulhões na sua flaucia de valentes.

A *Oração de Santo Antonio* parece ter caído do lapis de Bordallo Pinheiro na faiança das Caldas. Uma aldeã nubil, ar de carochinha russa e pasmada, pede á imagem de barro do santo que se vende nas romarias que a case, que lhe doem os seios, que a case, que não tem um *Manel*. Esta figurita é graciosa, tão meridional, tão sentimentalmente singela, que fóra de Portugal não se encontra nem se comprehende.

A um outro canto do atelier é o *Devaneio*, um devaneio largo, para o infinito, sobre as pradarías do mar ou do céu.

E' o amigo *Ruivo*, o terror do bacalhau frito da D. Amelia da rua dos Douradores, em cera, 10 pollegadas de altura, paleta no braço, resolta como o escudo de qualquer paladino do rei Arthur.

E alma moderna, delicadeza, sentimento encontram-se que abunde no *Fauno e Ninpha*. Com um movimento, uma expressão ladina de gata, elle colhe as caricias e acaricia tentando furtar-se-lhe. Este movimento tem a esvelteza d'um hexameiro de Tibulo. E o ar da ninpha é malicioso, sensual, perverso, profundamente de femea.

Levezas psychologicas, coisas ineditas havia ainda no atelier, uma *Após a orgia*, o esquiso da Senhora do Bom Conselho para a basilica das Picôas, etc.

Emquanto elle regula a desgostante torcida do candieiro, a sua modestia defende-se:

—Sabe, tudo isto é pretexto para dar umas linhas, um movimento... A arte com um ideal seguro não posso nem a saberia fazer.

Elle sabel-a-hia fazer para embalar as revoltas, eternecer as pedras, exaltar os corações; mas não poderá, não!

Que elle é—é um artista original, perfeito no jogo do movimento, que subiu a uma estrella sertaneja a copiar os habitantes pequeninos, galhofeiros, soffredores e amorosos como todos os seres vivos.

De todos os tempos, artistas portuguezes que ganhassem cá fóra nome conhecemos um, Leal da Camara. Conhece-o Paris, o *boulevard*. E quando Paris trava conhecimento com um estrangeiro ou elle é um grão-duque, que deu borzequins d'ouro a todas as *cocottes*, ou é um talento que irradia como a sarça do monte Oreb.



Em Lisboa, na *Patria*, o lapis de Leal da Camara revolucionava. As instituições tremeram e os bigodes e as bengalas dos detectivos surgiram pelas esquinas. O caricaturista então expatriou-se, acolheu-se á grande cidade, esperançoso como um Luciano Rubenspré.

A *Assiette au beurre* abriu-lhe as portas, o *Rire* depois, os editores de folhas illustradas. Então atirou elle o seu Gotha de caricaturas reaes, tão fina, tão philosophicamente como uma gargalhada grega. O bigode, a pose hieratica do imperador Guilherme não tiveram mais inveja ás baionetas, ao heroico arremeço do Lohengrin dando a voz de partida ao Cisne fiel.

Os seus fasciculos volantes foram pregoados no *boulevard*, no arraial doido dos cafés as suas caricaturas arrazam.

O Paris sério ama os jornaes illustrados, as revistas humoristicas tanto como os meninos de S. Cyr e as viscondessas de S. Germain.

A *Assiette* tornou-se indispensavel na antecamara dos gabinetes, dos consultorios, sobre a redonda tripé dos *Wert-Logis*.

Leal da Camara entrou na galeria dos celebres em Paris. Apaixonando-se da technica allemã, assimilando-a, limou-a no seu temperamento fogoso, sempre revoltado, sempre irverente. E Rabier viu um adversario da sua estatura, só mais profundo, só mais humano.

Homem, elle é a cristallina alma d'um crente, artista e um consagrado. Em tempo algum portuguez se evidenciou mais nobremente no estrangeiro. Proclama isto mesmo a colonia portugueza de que elle anda arreado como um solitario philosopho, escarmentado e sabio.

De Pratt, dos irmãos Sousa Pinto falou a *Illustração* muito competentemente ha tempos. Outros artistas ha portuguezes dignos de menção, que nem Santo Antonio, o procurador das coisas perdidas, acharia no *mallström* imenso de Paris, outros que desertaram para a provincia onde a vida é mais facil e a brisa mais fagueira. Para estes fica explicado o nosso silencio.

Nós ficamos á espera da revolução das artes em Portugal, que por sua vez revolucionarão os espiritos, os costumes, trazendo a alegria da vida, o amor do prazer, fará mais doce o sol e os beijos das mulheres.

Março de 1900.

AQUILINO RIBEIRO.



A PASCHOA NO MINHO.

deveres da alma — religiosamente.

Ao confesso quaeresmal passavam, ou antes, arrastavam-se os retardatarios: em busca d'um padre que levasse *aquillo* emdois minutos. E indicava-se, nas lojas de má-língua, certo padre-mestre, que tinha o habito perguntar se «era o mesmo do anno passado,» embrolhando a *confissão* com o *acto* final.

Os altares, pelos templos da cidade, cobriam-se de roxo, vassios, despídos de flôres e adornos catholicos. No de S. Braz tinham desaparecido os peçoços de cêra dos devotos; os olhos de prata da Santa Luzia levaram o mesmo destino. E assim, desde esse domingo de Ramos só dois palmitos, espigados e verdes, guarneciam a casa de Deus: celebrando a entrada festiva de Jesus á *Porta d'Oiro*, em Jerusalem.

Desagradavel como o coaxar das rãs, a *reia* da Collegiada prégava pelos claustros, aspera, desigual. Almas de escrupulo, supersticiosamente timidas, colavam-se ao crivo dos confessionarios, n'um remorso obsecante; e na sacristia, sobre o papel da *bula*, cidadãos liberaes, dandis de officio, leitoras Catulle, depunham o catholica.

2—A procissão de domingo de Ramos.

3—Visita ás *cruzinhas do Senhor*.

dos volumes baratos de meio tostão da *desobriga*. No claustro e peio templo, suave, exhalava-se então um brando e doce perfume de cêra.

E foi ás dez horas, sob a passagem do dever quaeresmal, que a procissão de Ramos, cerimoniosa e diversa, appareceu no adro, cercada de palmas, entre as rendas do clero, os arminhos do clero, as amethistas cãras do clero. Em

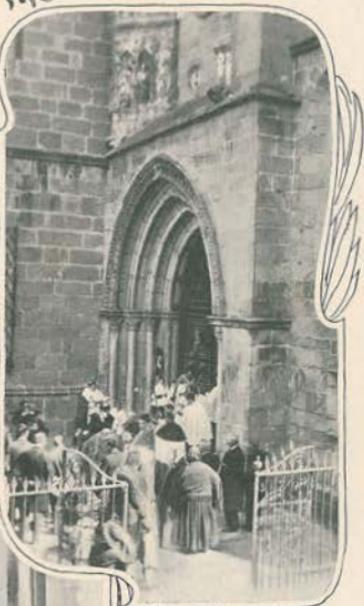


A matricula

Per inhospita tesqua vagantem
rerum animo sequitur captarum
gratia major.

Lucilius.

Desde domingo de Ramos (porta aberta para essa semana de celebração religiosa) que todo o povo se preocupava e afadigava nos «altos





verdade, parecia, de novo, que Jesus de Nazareth voltava ao seio dos homens, magro, claro e de cabelos longos; parecia que, como ha quasi dois mil annos, entre as palmeiras do valle de Siloeh, legiões judaicas, solidas e victoriosas, o cobriam de boas palavras, lhe alargavam de rosas a poeira secca do caminho.

Symbolicamente, dentro do templo esperava um novo côro, entoando os psalmos; bendizendo a sabedoria e piedade do Mestre. A porta central do templo abriu-se então. E logo, ligados, novos coros, a mesma alegria, a mesma ancia humana, subiram, firmes e commovidos, sob a casa do mesmo propagador.



No altar-mór e nas mezas lateraes poisavam prateados ramos d'oliveira, cirios devotos, as espadas afiladas dos palmitos. O povo rogava a sua posse para os dias de trovoada, de tempestade—consoante a superstição tradicional. Os palmitos! esses delicados e simples palmitos, que outr'ora os conventos enviavam engrinaldados de rosas, frisados como cabellos, entrelaçados a tenuous fios de prata...

Durante a noite d'esse domingo de Ramos mal se dormiu. Pouco depois da meia noite, grupos de operarios, estupidamente devotos, aturdiram o burgo chocalhando campainhas de cobre, pedidas aos sachristães da terra, e chamando



1—Um judaz, 2—A queima de sabbado de Alleluia.
3—As rosas de pão branco



o povo á via-sacra matutina :

«Quem vem, quem vem
á via-sacra do Senhor do Amparo.
Amen».

E vez avinhadas annotavam, com esforço :

- Leva musica !
- Vae ao Passo !
- No fim ha missa !

Pela manhã, ainda com a neblina fria dos ultimos dias de inverno, atraz d'uma cruz de espinheiro, ladeada por sapateiros vestidos á ecclesiastica e com as mãos curtidias de cerol, um rancho de costureiras, fresco, bonito, provincianamente vestido, entoava com vozes admiraveis, os canticos da Paixão ; um minorista gago meditava a resa do pas-o quaresmal ; e em frente, judeus em roupagens esculpidas, decoradas a rubro e oiro, exaggeradamente caricaturas, provocavam as mofas do povo :

—Olha aquelle ! Está a re-bentar com as batatas que comeu !

Assim decorreram dois dias. Quarta-feira de Trevas, o triangulo da Collegiada accendia todos os lumes de cera- virgem, e as matinas principiaram a meio da tarde, n'essa deliciosa harmonia do canto gregoriano. De vez em quando, um coreiro, de roquete e batina vermelha, deixava

cair sobre um cirio a folha se-benta do apagador. Seminaristas de voz aflautada cantavam no côro ; e um padre zarolho, atacado de rheimatico, lançava para o alto a sua voz nazal, pesada, lugubre...

Quando levaram para traz do altar-mór o ultimo lume do triangulo, pesava um silencio profundo na igreja escura ; longas lamentações de cantochão, amargas como a escuridão de onde partiam, punham um arrepio de impressão em cada alma ; dominou mais o silencio ; e logo que um padre bateu um livro sobre a bancada do côro, a garotada do burgo, armada de martelos, trancas, pequenas vigas de ferro, rompeu n'uma martelada infernal, n'umas «trevo-las» horribes, sobre o pavimento sagrado da casa de Deus.

Não foi, certamente, mais violenta nem mais ridicula a serie de insultos dirigidos a Jesus, na casa de Cesar, em Jerusalem.

Doce e suavemente magoada correu essaquin-ta-feira santa da minha terra. A's dez horas abriram, nos templos, as «casinhas do Senhor» — largo pretexto para largas despezas familiares, em vestidos de faille, sedas adamascadas, calçado de polimento e sevilhanas de renda. Em cada igreja, (completamente cerradas a luz do dia) brilhava o altar central n'uma alta escada de lumes amarellados, n'uma indolencia de luz amolecida... Um cle-rigo, de sobrepelez e murça de seda, dormitava, com os oculos sobre o breviario. E no escuro, vozes de canarios, abriam, argentinas e exageradas.

Cá fóra, a *matrãca* da Collegiada batia as ferragens, aspera, ralhando (como no tempo da Inquisi-ção) entre os relevos das cimeiras velhas — e um céu de cinza, levemente frio, caracterisava o dia da celebração, assim enervado e amargo.

Meninas ricas, honestos chefes de família, gente remediada, corriam de templo em templo, ajoelhando e observando. Algumas ca-



1—Um afillado feliz! 2—As prendas dos namorados



pellas guarneciã-se com as flôres dobradas dos rainunculos verdes e encarnados, entre altas e longas fitas de seda clara; e nos grupos que entravam e saiam, levantando o panno vermelho da eucharistia, olhos bonitos, faces bonitas, bonitos corpos de mulher, agradavam, adocçavam a vida, suavemente tristes e pallidos—taes como a figura humana e doce d'esse Jesus moribundo...

Ao fim da tarde, nas ruas, movimentava-se uma população inteira, ricamente vestida, de rosarios nos pulsos, os dedos pesados de joias, cheirosa de violetas. Na processão do *Ecce Homo* os irmãos da Misericordia cobriam-se com o capuz do balandrau roxo; e a figura do *Senhor da Canna Verde*, macerada, magra e alta, caminhava lentamente, n'um silencio agoureiro, entre os tocheiros illuminados e com os emblemas da Paixão.

Escura, caiu a noite. Grupos de beatas de officio lamuriavam pelos «passos» as estações quaesmaes, correndo as contas de vidro dos «sete mysterios». O sino grande da Collegiada não badalou ás «almas» n'aquella noite...

Assim decorreram esses dias amargos da quaesma, no velho coração da minha terra. Uma perfeita manifestação tradicional. Até que chegou o sabbado de alleluia, aberto sob um sol primaveril, garoto, creador!

Quando se abriram as portas para as primeiras compras da manhã, suspendiam-se, em varias ruas, de janella para janella, os *judas* do povinho—altas figuras de cabeleira de estopa, com a sacca dos «trinta dinheiros» e vestidas de papel de côr. D'uma das pernas de cada espantalho saia o rastiho de polvora; e, caricaturas, simbolisavam esses ridiculos *judas* aquelle outro Judas Macabeu, discipulo e traidor de Jesus, o filho de José.

Os sinos badalavam á alleluia quando já pelas ruas se notava um curioso movimento festivo, e na Collegiada corria a solemnidade do lume novo. Então, sob o repique divertido, e sob o sol benéfico, os fantoches da Alleluia



1—A' passagem do «compasso»

2—Agua benta... e paz d'espírito!

começaram a estoirar, n'um tiroteio secco e forte. Alçavam-se longas labaredas sobre os corpos de palha centeia, semeados de polvora bombardeira, com um sacco de dynamite no lugar dos miolos. E este espectáculo idiota fazia rir uma multidão parada e satisfeita.

Entretanto a cerimonia liturgica do dia continuava: benzia-se a «agua nova», que o povo recolhia nas canequinhas de barro; o «lume novo», cheiroso de alecrim e incenso queimados, benzia-se, egualmente; da face das imagens caiam os pannos roxos da celebração quaesmal.

Vivos, claros de sons sob o sol, continuavam os repiques ingenuos da alta torre da Oliveirinha.

Nas ruas que iam dar ao mercado, as chitas claras, esvoaçando sobre o povo, pareciam rir, na manhã d'abril; nas confeitarias, altas estantes de pão de ló Margarida ornamentavam, n'uma gulosa e larga fartura paschal; e os cavadores, recém-chegados á cidade, feiravam o anho gordo para o jantar variado da Paschoa.

Nos arruamentos do mercado, sobre os cabazes, as rosas de pão branco disputavam-se na pregação das madrinhas, dos afilhados, das comadres; um garoto vivo, typo de habil jogador de bisca sueca, tomava no braço a *rosca de côrnos* da conçoada; e pares de dandis, meninos da «briosa», senhoras romanticas da cidade—presentavam-se com os *bibolots* da feira da alleluia.

As arvores das ruas, essas eternas exiladas da boa terra aldeã, a quem a frescura das primaveras em presta um pouco da sua vir-



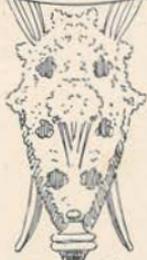
tude, modestas e magritas, expandiam-se com liberalidade. E os cantos de sombra que nos davam, sobre o arraial do mercado, aliviavam um tanto de calor prematuro d'essa manhã quente e pesada de soes, em que as tilias se empovavam de oiros rutilos e fortes.

A cada hora passavam os afixionados do amor, d'esse piegas amor provinciano, expondo ao commentario do publico as suas ventarolas de cartão pintado; as rocas de canna fina e amarella, ofertadas a simples senhoras que não sabem fiar; os chapelinhos de palha centeira, proprios para cabeças de bonecas; as caixas preciosas de amendoas azues!

E a feira da Paschoa (feira maior) desenvolvia-se assim, animatographicamente soberba!

Em domingo de Paschoa os compassos parochias saíram pouco depois do sol levantar, sobre as montanhas, o seu largo vôo doirado. Ao ser dia ouviram-se os foguetes (uma duzia dos de «respostas») annunciando que sahia ao terreiro da igreja o abbade, com os irmãos da confraria do «Santissimo». Na frente, o sachristão, com um lenço de chita envolvendo-lhe a cabeça, e deixando cair sobre todo o braço esquerdo a cruz de prata da parochia; depois, os garotos d'aldeia, descalços e d'ópas vermelhas, tangendo as campainhas de cobre; o mesario levando a caldeira de prata da agua-benta; e distantes, rijos e annunciando, os homens da caixa de rufo e dos bombos festeiros.

A' porta dos camponezes, sobre um montão de verduras humidas, de grandes ramos de mimosas e flores de esteva, erguia-se o hysope clerical, de prata e fulgindo ao sol, em duas



1—A caminho dos freguezes
2—Alleluia! Alleluia!

pinceladas d'agua-benta; a familia camponeza, a cruz processional; e furtada d'uma maça de espelho, redonda e generosa, a moeda de prata da congroa parochial timbrava na salva bonita do mor-domo.

Metido à soalheira do dia, de chapéu de palha centeira e bom varapau de lódam, eu andei a investigar a serra, vibrando d'alegria ao ouvir, na falda da montanha, um garido som de campainhas, alegre como o sol do dia, pronunciadamente garoto. Por vezes, um grupo meudo cruzava lá em baixo, na curiosidade das opas vermelhas e dos

reflexos vivos da prata lavrada; o guarda-sol vermelho do meu velho padre Domingos descerrava-se como uma papoila de maio; e a espaços, cannas de foguetes, agudas, n'um grande estouro, como que tentavam fender o panno azul do céu tranquillo d'aquella tarde admiravel!

—Corre um dia, um sol de fazer maleitas!—diziam os camponezes que encontrava.

Abrazador, realmente!

E os camponios, acolhidos na escadaria ensombrada do seu casorio, consolados com o cheiro fresco d'um cravo «de todo o anno» e perto dos tanques rescedentes de frescura, iam descievendo em familia uma d'essas casas de gente rica e fidalga, onde o abbade é recebido com honras de principe: benzendo os largos soalhos de castanho, as cama altas de pau Brazil, (com roda-pé de chita) a sala do oratorio, os cama-pés de noqueira, os longos corredores, arejados e varridos. E, n'uma gula desenfreada de gente pobre, annotavam entre a louça antiga das cerimonias ricas, dos casamentos e baptisados, a grande rosca de pão de ló de Margaride, o doce de composta, as tangerinas engraçadas, o cangirão azul e



branco de louça de Rato — transbordando d'um vinho acidulado, perfumado, «para sua reverencia». Eram as prendas da fidalguia ao padre Domingos, que (em certa casa) já casara o fidalgo antigo, baptisou-lhe os filhos e os netos, e (por certa manhã de maio, antes do ladairo costumado) n'um erguer d'olhos, alto, religioso, pôz a sua estola d'oiro sobre as mãos sapadas e cõr de rosa da senhora morgada!

Mas o *compasso* corria a aldeia — entrava na casa de todos. Entrava á casa dos pobres, guardada com os registos das romagens; e entrava á casa dos burguezes remediados ou fartos (embreados na fidalguia ruinoza d'estes tempos) onde as meninas prendadas expunham, pelas paredes, retocadas e pretençiosos bordados a misanga.

O modo dengoso das meninas gordas e

vermelhas, em casa de brasileiro; aquelles modos exagerados para as coisas pequeninas, para os afilhados mineiros, pelos vestidos fartos de seda clara — davam dois dedos de pa-lestra ao senhor abbade, entre uma trincada de maçoão e dois goles de vinho do Porto.

— E o que nos diz ao tempo, senhor abbade?!

— Uma braza! Creador!

— Olhe que nem as folhas tremem!

— Creador, creador! Bom tempo para tril-

los.

— E o céu! Azul!!!...

— As noites é que estão um encanto.

— Bem sei..

— Não, não!... Não é isso!

— E' preciso casar... E' preciso casar.

E o brasileiro empapado, guarnecido no *double* d'ouro pingado de medalhas, sorria, lisongeador.

A's trindades, quando os pylrampos luziam nas silvas humidas das estadas; quando os ralos alarmavam, n'um zumbido monotono, o grande e espiritual socego da noite — cobertos de pó, com os pés doridos da caminhada, fartos de tudo (e os mezarios principalmente fartos e caídos do vinho), recolheu o chamado cortejo do *padre aos ovos*, ao adro fresco da sua egreja parochial...

Fôra, luziam *as tres Marias* no panno opalino do céu, milagrosamente!... O *anjo custodio* da torre estava ao noite, para bom tempo...

Assim correu a festa paschal, ha dois

annos, no socegado logar da minha terra — perfeita maravilha de celebração popular — e da qual (para desconto dos meus peccados) eu sinto agora tantas e tão profundas saudades...

Cintra, 11 d'abril.

ALFREDO
GUIMARÃES.



1—) maior beijo da festa. 2— A benção do senhor abbade (Clichés de GASPAR FERREIRA)



O CONGRESSO MUNICIPALISTA



- 1—O edifício dos paços do concelho, onde se realizaram as sessões do congresso nos dias 16 a 21 de abril
- 2—O sr. Braamcamp Freire, presidindo a uma sessão do congresso
- 3—A escadaria dos paços do concelho ornamentada com plantas, no dia da sessão inaugural do congresso



4—O vereador sr. Filippe da Matta fazendo a entrega das insignias aos congressistas
5—Os congressistas sahindo da 1.ª sessão



1—Aspecto de uma sessão do congresso na sala dos paços do concelho
 2—No reservatório dos Barbadinhos : um grupo de visitantes guiado pelos ars. concelheiro Ressano Garcia e Martinho Guimarães, directores da Companhia das Águas

No congresso municipalista, que terminou as suas sessões na semana finda, estiveram representadas 161 camaras do paiz, cujos delegados votaram por aclamação o principio da autonomia das corporações administrativas.

As photographias que reproduzimos representam varios aspectos do congresso, das visitas realizadas pelos congressistas, especialmente a diversos estabelecimentos municipaes, e das diversões que lhes foram offerecidas, entre as quaes uma das que mais os deve ter impressionado foi o passeio fluvial. No dia da sessão do encer-





1—Os congressistas no reservatório dos Barbadinhos, acompanhados pelo engenheiro sr. Ressano Garcia, director da Companhia das Aguas

2—A visita dos congressistas ao Campo Grande

3—No Matadouro: O sr. Filippe da Matta, o inspector do Matadouro, e o veterinario sr. Pimenta de Castro

4—No Alto de S. João: Visita dos congressistas ao cemiterio oriental



ramento, foi prohibido pelo governo o cortejo em homenagem aos representantes camararios, indo, porém, diversas escolas e collectividades, isoladamente, apresentar-lhes os seus cumprimentos.



- 1 — Barcos que acompanharam o cortejo
- 2 — O passeio fluvial: Aspecto do Caes das Columnas á passagem do cortejo
- 3 — O vapor *Frederico Guilherme* que conduziu os socios da Sociedade Promotora da Instrução Popular
- 4 — O Terreiro do Paço na occasião do embarque
- 5 e 6 — Os congressistas a bordo do vapor *D. Anelina*



A VISITA DOS CONGRESSISTAS AO CONVENTO DOS JERONIMOS

(Clichés de BENOLIEL)

O CONGRESSO PEDAGOGICO



Abril foi o mez dos congressos. Com a chegada da primavera, que activa o turbilhão da seiva nas plantas e a circulação do sangue nos animaes, a rhetorica nacional experimentou tambem um renôvo de entusiasmo. Falar! Quanto nós gostamos de falar, para não fazer zada, e muitas vezes até para não dizer nada. Porque a verdade é que se somos um paiz de oradores, espontaneos, eloquentes, atticos, a sua maioria é composta, porém, de dize-dores vazios e de palavreadores inuteis. Mas como o portuguez se sente feliz a discursar, e como tambem nos pagamos facilmente de palavras!

Ha, por exemplo, uma crise vinicola que empobrece enor-



1 - A menina Mattoz Bramcamp modelando em plastica



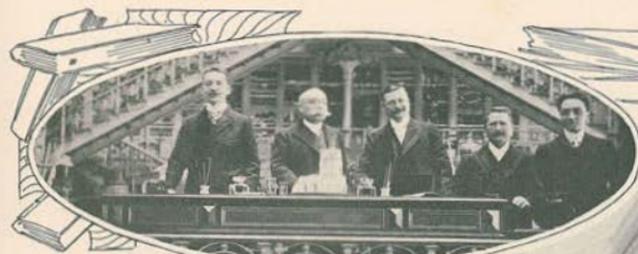
2 - Os congressistas visitando o asylo Maria Pia



3 - O sr. Borges Grainha, acompanhado pelos congressistas, sahindo da camara



4 - Um grupo de congressistas



memente a agricultura, que causa prejuizos valiosos á economia nacional. Pois reune-se um congresso, os vidualtores, que accorrem do norte, do centro e do sul do reino, depois de desabafarem, regressam ás suas adegas, onde a pléthora do vinho sem collocação augmenta, um pouco mais animados. E só quando os ultimos echos da rhetorica congressista se esvaíram é que o bom vinhateiro comprehendeu que a sua triste situação não soffrera qualquer mudança favoravel.

Foram supprimidas as liberdades e franquias municipaes, attribuindo-se o poder central o direito de tutelar os actos das camaras. E' um ataque odiento á liberdade, o resurgimento de um regimen de centralisação obnoxio. O espirito democratico do nosso tempo

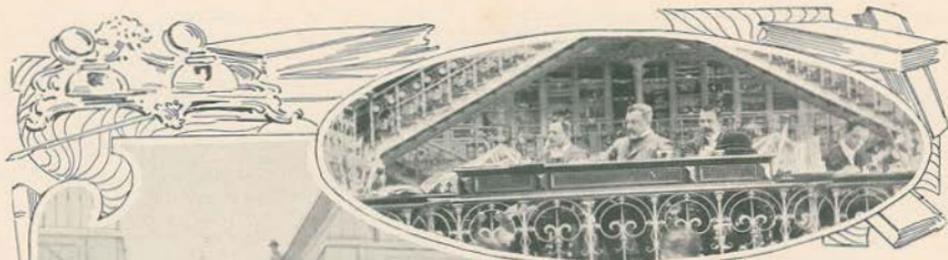


1—O sr. Consiglieri Pedroso presidindo a uma sessão do congresso. 2—No asylo Maria Pia: a visita dos congressistas. 3—Os alumnos do asylo Maria Pia fazendo exercicios, em homenagem aos congressistas. 4—O sr. Borges Graíha, acompanhado do corpo docente do asylo D. Pedro V, no Campo Grande

reclama inadiavelmente o restabelecimento da autonomia das corporações administrativas. Então faz-se um congresso em que se produzem arengas admiraveis, quer pela inspiração, quer pela fórma, mas de que não resulta, segundo o uso, sombra de consequencia pratica.

A pretexto de tudo convocam-se os congressos, em que se fala muito sempre, sendo, comtudo, por via de regra, os que mais sabem os que menos dizem, e acontecendo, tambem por via de regra, que nunca se resolve qualquer coisa proficua. Lucra naturalmente o commercio





1—O sr. Silva Telles, secretariado pelossrs. Machado e Aragão, presidindo aos trabalhos do congresso. 2—No asylo Maria Pia: outro grupo de congressistas. 3—O sr. dr. João de Deus Ramos defendendo no congresso o methodo de ensino de seu pae, o grande poeta João de Deus. 4—O pintor João Vaz, director da escola industrial Affonso Domingues, com a professora D. Amalia Luarez e mais alguns congressistas



da cidade e a industria de transportes, e emfim já não pôde affirmar-se que não haja em absoluto algum proveito.

Este mez de abril foi, pois, o mez dos congressos: nada menos de tres, dois que Lisboa monopolisceu, na sua qualidade de capital, e o terceiro, o republicano, reunido em Setubal.

O primeiro que se realisou foi o Congresso pedagogico, cujas reuniões duraram de 13 a 16 do corrente.

E', na opinião de todos, deploravel o atrazo da instrucção nacional e o pessoal ensinante encontra-se em condições de lamentavel abandono. A oportunidade da reunião do segundo congresso pedagogico de Lisboa, que celebrou as suas sessões na sala *Portugal* da Sociedade de Geographia, não pôde, pois, ser posta em duvida, como

o interesse de algumas das theses que n'elle foram discutidas não sofre igualmente contestação. A discussão decorreu sempre animada e por vezes até apaixonada. Acabou, finalmente, por votar-se nma série de conclusões, que, cremos, serão geralmente aceites com applauso.

Da reunião do segundo congresso pedagogico de Lisboa temos a fundada esperanza de que advirão alguns beneficios reaes. Aguardemos, pois, que a obra encetada fructifique, e em outras reuniões successivas se complete, como é mister.

(Clichés de BENJOLÉL).

A FESTA DA INTELLECTUALIDADE BRAZILEIRA EM PARIS

No dia 3 de abril realisou-se em Paris, organizada pela *Société des Etudes Portugaises*, de que é fundador e secretario geral o nosso collega e amigo Xavier de Carvalho, a festa intellectual em memoria do saudoso Machado de Assis, o grande escriptor brasileiro que morreu ha mezes.

Esta festa constou d'uma allocção do glorioso e celebre Anatole France, que presidiu;—d'um discurso do dr. Charles Richet, professor da faculdade de medicina e que ha pouco voltou do Brazil, e d'uma longa e bem estudada conferencia sobre a obra de Machado



O sr. Manuel de Oliveira Lima, ministro do Brazil em Bruxellas, que realizou na Sorbonne a conferencia sobre Machado de Assis
(Cliché CHÉRI-ROUSSEAU & GLAUTH, DE PARIS)

de Assis pelo dr. Manuel de Oliveira Lima.

A actriz do theatro Sarah Bernhardt, a encantadora interprete de Rostand, mademoiselle Leo Mislav leu as traducções de tres das melhores poesias de Machado de Assis, traducções feitas com esmero pelo poeta belga Victor Orban, que tambem assistiu na Sorbonne á festa.

O dr. Gabriel de Piza, ministro do Brazil em Paris, leu um bello discurso applaudindo essa manifestação litteraria franco-brazileira. E por fim, Xavier de Carvalho, o unico organisador da festa, agradeceu com palavras sentidas a preciosa collaboração de tantos escriptores celebres.

No dia immediato, 4 de abril, teve lugar no Café Riche um almoço em honra do illustre diplomata brasileiro e conferente, o sr. dr. Manuel de Oliveira Lima. Cerca de 150 pessoas tomaram parte n'este banquete, a que presidiu o deputado Beauquier. Pronunciaram discursos o presidente, em seguida o sr. Raqueni em nome da União Latina Parlamentar, e depois o professor Paul Vibert, o positivista L. Simon, o sabio dr. Max Nordan, o sr. Jean Barrés, o jornalista portuguez A. de Sousa, terminando a serie dos brindes o admiravel discurso do dr. Oliveira Lima.

Tomou parte n'esta manifestação de sympathia e apreço ao digno diplomata toda a elite da colonia brasileira e mesmo portugueza.

O sr. dr. Manuel d'Oliveira Lima, durante toda a primeira semana d'abril em Paris, foi alvo de dezenas e dezenas de manifestações de sympathia e de particular estima.

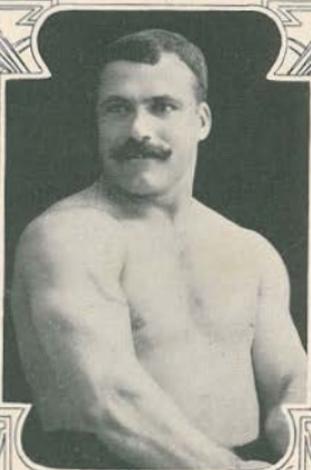


M.ª Leo Mislav, do theatro Sarah Bernhardt
(Cliché de PAUL BOYER & BERT, DE PARIS)



VASCO DE MENDONÇA ALVES.—Realizou a sua estreia de auctor dramático com a comedia em 3 actos intitulada *Ultimo amor*, que subiu á scena no Principe Real na noite da festa artistica de Maria Falcão, em 12 do corrente. A peça revela, em alto grau, valiosas disposições para o theatro, e qualidades que sem favor pôdem considerarse desde já a revelação de um innegavel talento de dramaturgo. O publico não deixou, por isso, de consagrar por um modo bastante lisonjeiro o trabalho do novel escriptor.

TOURNEO INTERNACIONAL DE MONTE CARLO.—A *equipe* portugueza organisa da pelo mestre de armas Carlos Gonçalves, a pedido do conde Albert Gauthier, para ir a Monte Carlo tomar parte no torneio internacional de esgrima, que representa actualmente a mais importante prova do mundo, conseguiu um lisonjeiro triumpho. O grupo portuguez foi effectivamente classificado *ex-aequo* com a *equipe* austriaca, quando o costume é serem as *equipas* estreatas classificadas sempre em ultimo lugar.



JOHN WALTER.—Damos o retrato do distincto jornalista que o *Times* enviou recentemente a Lisboa, como seu correspondente especial, por occasião dos ultimos acontecimentos politicos. A *Illustração Portugueza* aproveita o ensejo para cumprimentar o seu illustre confrade inglez e agradecer-lhe a gentil amabilidade da sua visita.

TRES «RECORDS» DO MUNDO.—Decididamente o sport nacional teve alguns dias de gloria na ultima semana, sendo um d'elles, entre os mais brilhantes, o da victoria obtida pelo campeão amador portuguez Manuel da Silveira, que, em uma sessão especialmente convocada no *Halterophile Club de França*, conseguiu bater, por grande differença de peso, tres *records* do mundo, que pertenciam presentemente a tres especialistas francezes, classificados dois d'elles entre os primeiros amadores e o terceiro como um dos mais notaveis profissionaes. Os exercicios de força realisados por Manuel da Silveira classificam-no entre os mais notaveis athletas do mundo.

1—Vasco de Mendonça Alves 2—John Walter 3—A *equipe* portugueza em Monte Carlo: Mario de Noronha, Ferreira da Costa e Sebastião Heredia 1—O athleta Manuel da Silveira

Americanas elegantes em Lisboa



M.^h Condessa
de Borralha



Mrs.
Chatfield-Taylor

Mrs. Francis Corolanz

A America, o seu novo presidente e os seus primeiros actos, como chefe da nação, continuam sendo o assumpto diario das communicacões telegraphicas.

Com a partida do ex-presidente mr. Theodore Roosevelt, que ha dias passou nos Açores, onde desembarcou, seguindo depois para Italia, coincidiu o fim da agitada, elegante e dispendiosa season de Washington e New-York, uma das mais interessantes e pittorescas do mundo. Os millionarios e as suas ele-



Mrs. Thomas
Nelson Page



Mrs. Lucian
Lee Kinsolving

gantes companheiras, que ali passam simplesmente esta quadra do anno, começaram a retirar para as estações de prazer ou de repouso da Europa. Os velozes transatlanticos começaram já a transportar para Paris, Biarritz e Côte d'Azur, d'onde seguem para a Italia ou Suissa, as mais gentis yankees que ali vão esperar a abertura da grande season londrina, em maio, onde de novo todas se



Madame
Blanche Vesmitche

vão rendez-vous.

E' n'este cruzeiro elegante annual, que algumas se aventuram a aproar ás areias de Portugal, principalmente quando possuem um yacht.

E', pois, o momento azado para a *Illustração Portuguesa* publicar os retratos das americanas illustres que tem visitado Portugal, tendo, na sua maior parte, sido apresentadas á familia real.

Figuram entre esses retratos o da sr.^a condessa de Borralha, de Philadel-

da America em Lisboa e que em Londres tem uma brilhante situação, tendo já sido hospedada dos reis d'Inglaterra em Sandringham.



Mrs. Nina Gillett

phia, a quem o casamento deu Portugal por nova patria.

Mrs. Laurence Tounseid, que foi ministra



Miss Elizabeth Perkins

Mrs. Francis Carollan, uma das mais formosas e distintas americanas que teem visitado Lisboa, passando com seu marido a *season* no «Ritz» de Londres, é filha do celebre mr. Pullman, millionario de Chicago.

Mrs. Margarita Drexel, casada com mr. Anthony Drexel, grande banqueiro, amigo do rei Eduardo. E' uma das rainhas da sociedade londrina. Visitou duas vezes Lisboa no seu *yacht*, um dos mais luxuosos que existem.

Mrs. Chatfield—Taylor, casada com um escriptor rico e muito em voga, que é condecorado com a commenda portugueza de S. Thiago.

Mr. Horace Washington, descendente da familia do grande Washington.

Madame Blanche Vesnith (née Ulman), esposa do antigo ministro dos estrangeiros e actual ministro da Servia em Paris,



Mrs. Samuel R. Martin

que n'esta capital se faz notar pela sua elegancia e formosura.

Mrs. Thomas Nelson Page, d'uma illustre familia, parenta de mr. Bryan e casada com um litterato muito distincto.

Mrs. Lucian Lee Kinsolving, dama distinctissima de Philadelphia.

Miss Nina Gillett, conhecida em toda a Europa pela sua distincção.

Miss Elizabeth Perkins, de New-York, visitou Lisboa com sua mãe.



Mrs. Horace Washington

Mrs. Samuel R. Martin, de Chicago para onde partiu ha dias, gentilissima esposa do secretario particular de s. ex.º o ministro da America em Lisboa.

E' como se vê, um magnifico *boaquet* de damas illustres, que pela forma mais lisongeira e primorosa tem representado em Lisboa a sociedade feminina dos Estados Unidos, tao distincta e interessante como a revelam as paginas que lhe consagrou Bourget no *Oltre mer*.



Mrs. Margarita Drexel



Mrs. Lawrence Townsend



MRS BRUNOZZI

NA RIBEIRA NOVA
Lisboa



Vendedores à porta fechada



Modas



Modas da casa Badiu: Vestido de passeio de foulard vermelho coberto de tulle crú e rendas



Modas da casa Bouzenet: Vestido para recepção enfeitado com vidrilhos cõr de turqueza



Midas da casa Martoal & Arnaud: Vestido de passeio em cachemira verde, com corpo em voile Ninon verde, guarnecido com bandas de paño e entremeados bordados (Cliché P. LIX)